



TANQUE DO CAPIM, TESTEMUNHO ANCESTRAL DO SERIDÓ

Thomas Bruno Oliveira¹

Juvandi de Souza Santos²

1 Historiador, Colaborador do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB.
thomasbruno84@gmail.com

2 Historiador e Arqueólogo. Diretor do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB.
juvandi@terra.com.br

RESUMO

A escavação arqueológica realizada entre os dias 06 e 09 de agosto de 2008 no sítio arqueológico Tanque do Capim, município de Seridó, localizado no Seridó Oriental do estado da Paraíba, trouxe à luz vestígios humanos que podem comprovar a prática do endocanibalismo, comum entre os índios Tarairiú existentes na região onde hoje se encontra a Paraíba de acordo com a bibliografia como Herckmans (1985). Pretendemos com esse artigo levantarmos a coleção arqueológica existente neste sítio arqueológico e entendermos se há relação com essa prática cultural desses ancestrais.

PALAVRAS-CHAVE: Tanque do Capim, Seridó, Endocanibalismo

ABSTRACT

The archaeological excavation carried out between 06 and 09 August 2008 at the archaeological site Tanque do Capim, in the municipality of Seridó, located in the Eastern Seridó of the state of Paraíba, brought to light human traces that can prove the practice of endocannibalism, common among the Tarairiú Indians existing in the region where Paraíba is today according to the bibliography like Herckmans (1985). With this article, we intend to survey the existing archaeological collection at this archaeological site and understand if there is a relationship with this cultural practice of these ancestors.

KEYWORDS: Grass Tank, Seridó, Endocannibalism

O Sítio Arqueológico Tanque do Capim

O sítio arqueológico Tanque do Capim encontra-se a 9km a oeste do município de Seridó, sob coordenadas geográficas 6° 51' 49,8" de latitude sul e 36° 27' 44,0" de longitude oeste, numa altitude de 568m, encravado em um vale compreendido entre a Serra Verde e o Serrote do Sino (também denominado de Alto do Sino), o nome desse serrote se dá devido uma pedra em seu cume que, quando golpeada por outra, reproduz um som metálico ressonante, igual as inúmeras encontradas na Paraíba, a exemplo dos municípios de Santa Luzia, Ingá, etc.

Trata-se de uma rocha granítica, de tonalidade clara, que forma em sua base uma concavidade formando um abrigo em abóbada de 4m de largura por 2,5m de profundidade e 2m de altura, cujas paredes internas e externas apresentam representações gráficas geométricas e esquemáticas pintadas em tons diferentes de vermelho. Devido sua concavidade voltada para o solo, os moradores locais denominam esta pedra de 'Tanque Emborcado'.

A pedra encontra-se na localidade de Tanque do Capim, 500m próximo à pedreira que explora granito-mármore na base da Serra Verde, um batólito desnudo aflorado. Embora o abrigo seja relativamente escondido, podendo passar despercebido por quem por ali passa, a

rocha suporte possui um grande destaque na paisagem, sendo possível visualizá-la de muito longe daquela região entre serras.



FIGURA 1. SÍTIO ARQUEOLÓGICO TANQUE DO CAPIM

O sítio arqueológico está na propriedade do Sr. Agenor Barros, e está compreendido entre a Serra das Flechas, ao norte, São Vicente do Seridó, ao sul, Rio Grande do Norte a oeste e Seridó a leste.

Em meados da década de 1920, este testemunho arqueológico foi referenciado por José de Azevedo Dantas em sua obra manuscrita '*Indícios de uma Civilização Antiquíssima*', que acabou sendo publicada em 1994. Sobre o manuscrito e o autor, Dantas foi um autodidata que teve uma grande sensibilidade de andar pelas terras principalmente, encontrando sítios com inscrições rupestres, copiando-os, referenciando seus locais e fazendo breves conclusões. Esse trabalho tem subsidiado a obra de vários pesquisadores que tem localizado esses lugares e reconhecendo os desenhos. Sobre o Tanque do Capim, ele trouxe uma breve descrição e desenho que apresentamos a seguir:

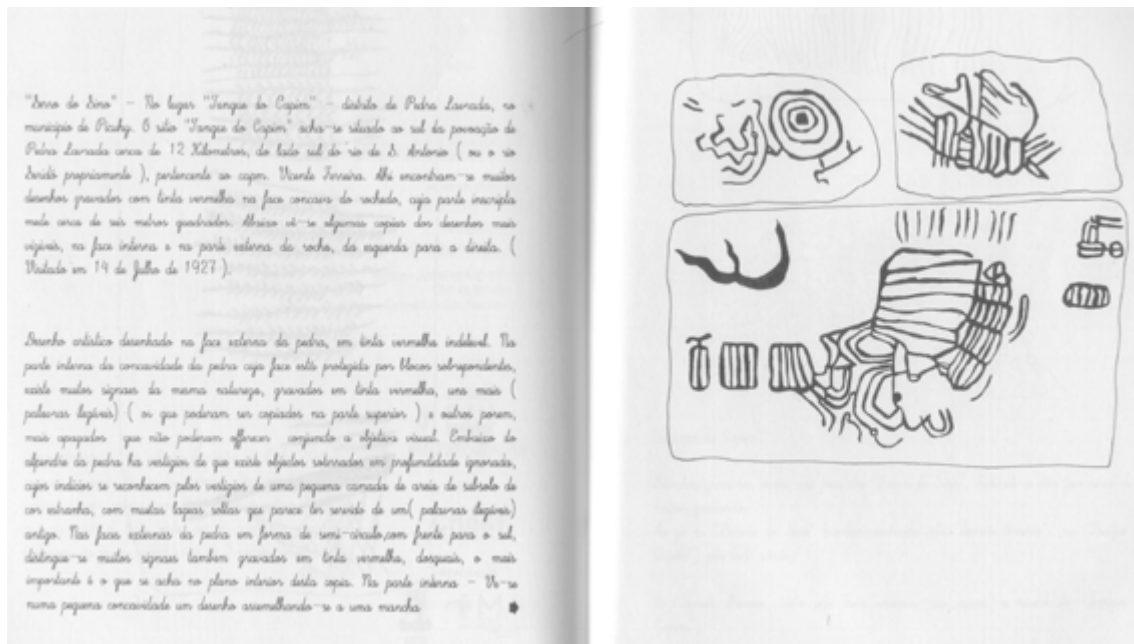


FIGURA 2. MANUSCRITOS E DESENHO DE JOSÉ DE AZEVEDO DANTAS.

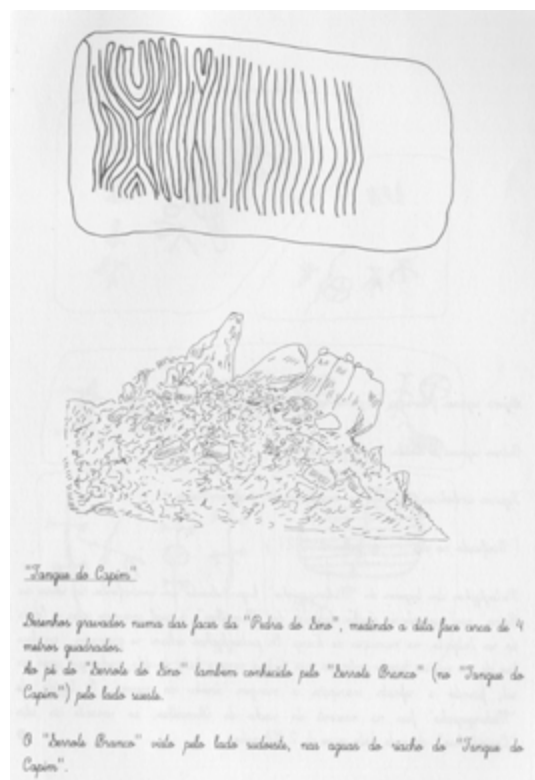


FIGURA 3. MANUSCRITOS E DESENHO DE JOSÉ DE AZEVEDO DANTAS.

Na primeira visita da equipe do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB ao sítio, em Janeiro de 2007, verificou-se a existência de ossos calcinados na superfície do

abrigo, bem como fragmentos graníticos desprendidos de cima contendo pinturas. Nesta oportunidade, verificou-se que a exploração mineral existente na Serra Branca não oferecia riscos ao sítio arqueológico, fato que caiu por terra em agosto de 2008, momento em que foi realizada a atividade de escavação. Na oportunidade, a equipe passou aproximadamente 2 horas nas cercanias do lugar sem conseguir encontrar o sítio, devido a completa desfiguração do ambiente causada pelo agressivo processo de mineração existente no lugar.



FIGURA 4. CENÁRIO ENCONTRADO EM 2008 BEM PRÓXIMO AO SÍTIO ARQUEOLÓGICO.

A escavação

Neste sítio arqueológico foi escavado o solo do interior do abrigo, exatamente na terceira campanha ou expedição ao sítio entre os dias 06 e 09 de agosto de 2008.

Foram abertas duas quadrículas (denominadas de 1A e 1B) no solo do abrigo, uma imediatamente ao lado da outra, medindo o conjunto 2m x 1m rente a parede suporte do abrigo, próximo às inscrições rupestres, como vemos na figura 5:



FIGURA 5. AS QUADRÍCULAS DA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA.

O material arqueológico coletado é constituído de fragmentos de ossos humanos que sofreram algum tipo de queima: queimados, parcialmente carbonizados e calcinados, alguns poucos dentes humanos e artefatos líticos. Sobre os ossos:

foram observadas, as cores e as tonalidades do material: queima branda, marrom-escuro, o que corresponde a um aquecimento de até 200° C; combustão/carbonização, cor negra, que corresponde a um aquecimento entre 400 e 600° C; calcinação, cor branco-acinzentado, que corresponde a um aquecimento sofrido pelo osso a mais de 600° C; os ossos foram analisados em lupa eletrônica no Laboratório de Anatomia Humana da UEPB (SANTOSb, 2009. p.611).

Os três tipos distintos de queima dos ossos coletados estão ligados ao processo de cozimento ou do assado daquele indivíduo no pós-morte. Para Santos (2009), o fato dos fragmentos serem pequenos, entre 0,25cm e 5,3cm e os estágios da queima, trata-se, portanto, que são restos que não foram pulverizados e transformados em pó, portanto, sobras do ritual a que era submetido qualquer indivíduo no processo de pós-morte sob o signo daquela cultura Tapuia do endocanibalismo.

Mas quais Tapuias utilizavam essa prática?

Quem são os Tapuias?

Chamamos de Tapuias todos aqueles indígenas que habitava, o interior, os Sertões. Jean Baptiste Debret (1834) classificou os indígenas do Brasil em dois grandes grupos indígenas:

os do litoral e os do interior (Sertões). Da mesma forma, tal classificação também é feita por diversos escritores como Estevão Pinto (1935), Thomaz Pompeu Sobrinho (1935), dentre outros.

Com relação à classificação e localização dos Tapuias nos Sertões da Paraíba, José Elias Borges (1993) foi o primeiro pesquisador a realizar tal definição e localização com sucesso através de vastas pesquisas etnológicas, etnográficas e históricas e elaborar o seguinte mapa:



FIGURA 6. CLASSIFICAÇÃO PRELIMINAR DO PESQUISADOR JOSÉ ELIAS BORGES¹

É partindo dos estudos de Borges que conseguimos discernir as áreas desses indígenas e realizar atividades arqueológicas em áreas de atuação dos Tapuias Cariris e Tarairiú, contribuindo, dessa forma, para o levantamento cultural de cada grupo étnico e, a partir daí, traçarmos o perfil cultural de cada grupo étnico Tapuia dos habitantes dos Sertões da Paraíba, feito pelo Prof Juvandi Santos (2009b).

Assim sendo, utilizamos uma característica marcante dos Tapuias Tarairiú para comprovar que o sítio arqueológico Tanque do Capim é realmente Tarairiú, já que, segundo Jofilly (1973), este grupo étnico/cultural não teria existido, sendo um mero subgrupo pertencente à nação Cariri.

1 Atentemos para um detalhe: esse 'X' riscado abaixo dos 'Coremas' foi feito pelo próprio José Elias Borges em nosso material em uma visita que fizemos a sua residência. Com isso, quer dizer que essa área deve-se desconsiderar as linhas finas diagonais e sim o contorno mais grosso, sendo, portanto, esta área de domínio Tarairiú. Relatou que foi um erro do desenhista na época da publicação.

Utilizando de pesquisas arqueológicas e etnográficas conseguimos resgatar a própria história dos Tarairiú, que, não fossem os esforços de José Elias Borges poderia estar renegado ao esquecimento pelos relatos historiográficos e pelos pesquisadores que virão. “Talvez uma das formas mais fáceis de identificar um grupo étnico seja através da identificação de seus traços culturais” (SANTOS, 2012, p.19), especialmente no que diverge um grupo do outro.

A cultura material pode nos fornecer, através do contraste entre artefatos de grupos diferentes, as informações necessárias que sirvam como identificador de um grupo, em suma, traçar seu determinado perfil cultural. O arqueólogo Vere Gordon Childe (1949), talvez tenha sido quem melhor apresentou essa tese ao afirmar que as características culturais de resistência são primordiais no processo de identificação de um grupo. Assim sendo, o endocanibalismo Tarairiú foi, ao mesmo tempo, reprimido pelos colonizadores, mas também, fator marcante no processo de desenvolvimento cultural desse grupo humano, distinguindo-o dos outros grupos humanos habitantes da Paraíba do pré e do pós-contato.

Cada grupo étnico indígena tem um modo próprio de ser e, por conseguinte, uma visão de mundo específica. A diversidade cultural se manifesta justamente na heterogeneidade material e imaterial desses grupos, mesmo assim, segundo Grupioni (1999), são as diferenças culturais que os inúmeros grupos étnicos do Brasil pretérito apresentaram que passam a compartilhar uma mesma história, história essa de exploração e de violação de seus direitos mais elementares.

De acordo com Carneiro (1946, p.14) “os indígenas viviam como verdadeiros personagens de suas próprias lendas”. Eram míticos por natureza. “As imagens de suas consciências tinham força de realidade”. A antropofagia, nesse sentido, poderia muito bem fazer parte da mitologia do indígena, aguçada e explorada pelo colonizador, vista como uma das justificativas para a dominação de um dado grupo e o extermínio de outros, como ocorrera com os Tarairiú.

O relato de antropofagia poderia, muito bem, fazer parte da história oral dos indígenas e o branco, as ouvindo, acabou por estereotipar o indígena como coisa bestial, selvagem e pecadora, fazendo uso desses estereótipos para justificar as guerras, os aldeamentos religiosos e o genocídio.

Sem dúvida que os europeus deturparam terrivelmente as histórias e os costumes indígenas, a exemplo do endocanibalismo Tarairiú. Assim, vários cronistas retratam através da histografia e de xilogravuras, verdadeiros banquetes humanos como Jean de Léry (1990), Hans Staden (1974). Em verdade, nas Américas os “comedores de carne humana” (SANTOS, 2012), se “transformaram” em ótimos escravos, sobre os auspícios da Coroa e da Igreja. Mas mesmo na própria Igreja haviam aqueles reclamantes, defensores das culturas indígenas, a exemplo de Las Casas (1985).

Na descrição dos indígenas Tarairiú, foram os cronistas holandeses, a exemplo de Elias Heckman (1985), quem melhor os descreveu e teceram excelentes comentários acerca dessa prática ritualística.

Vários cronistas relataram a prática endocanibalística dos Tarairiú, a exemplo dos citados por Santos (2009a,b e 2010). O endocanibalismo é uma forma interessante de observar a cultura Tarairiú. Para além do endocanibalismo, o jejum, a escarificação, as pinturas corporais, saudações, danças, enfeites corporais e fabrico diversos de utensílios domésticos e também ritualísticos são outras maneiras de observar a cultura Tarairiú. Mas, sem dúvida que o endocanibalismo pode ser considerado a principal atividade ritualística desse grupo, comprovando sua existência nos confins do estado da Paraíba através da escavação no sítio arqueológico Tanque do Capim.

O endocanibalismo consiste em comer de forma ritualística seus próprios parentes. Em síntese, o parente morto deveria ser comido por aqueles mais próximos, pois acreditava-se que o melhor lugar para guardar o morto era onde ele foi gerado e no seio dos seus. Assim, dos Tapuia dos Sertões da Paraíba da época do contato, apenas os Tarairiú praticavam tal atividade, servindo-nos de marco importantíssimo para traçar seu perfil cultural. José Elias Borges (1993) afirma que ainda existem remanescentes Tarairiú no Nordeste e estes seriam os Sucurús, que vivem em Pernambuco. Entretanto, com grandes modificações em suas atividades cotidianas e não mais a prática endocanibalista.

A partir do material arqueológico encontrado, existe a possibilidade da comprovação de uma das grandes incógnitas que permeiou o grupo humano denominado pelos colonizadores de Tapuias Tarairiú, como sendo os praticantes do endocanibalismo (HECKMANS, 1985). Assim, acreditamos serem os achados arqueológicos importantes para traçarmos o perfil cultural desse grupo humano.

Portanto, tomando como base o mapa elaborado por José Elias Borges, em que todo o Seridó é de fato área Tarairiú e a escavação arqueológica chefiada pelo arqueólogo Juvandi de Souza Santos no sítio arqueológico Tanque do Capim ter evidenciado vestígios do endocanibalismo, temos indícios fortíssimos da prática e territorialidade dos Tarairiú na Paraíba e, sobretudo, no Planalto da Borborema.

REFERÊNCIAS

BORGES, José Elias. Índios da Paraíba: classificação preliminar. In. : MELO, José Octávio de Arruda; RODRIGUES, Gonzaga (org). **Paraíba**: conquista, patrimônio e povo – por uma seleção de autores. 2. ed. João Pessoa: GRAFSET, 1993. pp. 21 – 42.



CARNEIRO, J. Fernando. **A antropofagia entre os indígenas do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

CHILDE, Vere Gordon. *L'aube de La civilization européene*. Paris : Payot, 1949.

DEBRET, J. B. *Voyage Pittoresque et historique au Brasil*. Paris : Editado por Firmin Didot Frères, 1834.

GRUPIONI, Luís d. Benzé. *Índios: passado, presente e futuro*. Brasília: MEC, 1999.

HERCKMANS, E. **Descrição Geral da Capitania da Paraíba**. João Pessoa: A União, 1982.

JOFFILY, Irineu. **Notas sobre a Paraíba**. Fac-símile da primeira edição publicada no Rio de Janeiro, em 1892, com prefácio de Capistrano de Abreu. Apresentação e observações de Geraldo Irenêo Joffily. Brasília: Thesaurus Editora, 1977.

LAS CASAS, Bartolomeu de. **Brevíssima relação da destruição dos índios**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

LERY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo: Martins, 1990. PINTO, Estêvão. *Os indígenas do Nordeste*. São Paulo: Nacional, 1935.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz, *Os Tapuias do Nordeste e a Monografia de Elias Heckman*. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, t. XLVIII. 1935.

SANTOS, Juvandi de Souza. **Práticas funerárias nos Sertões da Paraíba**: a necrópole sítio Pinturas I, em São João do Tigre, PB. 2009. 164 p. Dissertação. (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife, 2009a.

____. **Cariri e Tarairiú?** Culturas Tapuias nos Sertões da Paraíba. Porto Alegre. 2009. 732 p. Tese. (Doutorado em História/Arqueologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS: Porto Alegre, 2009b.

____. **Costumes indígenas no Brasil do Pós-Contato**: o grupo étnico/cultural Tarairiú dos Sertões da Paraíba. Campina Grande: Cópias e Papeis, 2012.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia e São Paulo: Edusp, 1974. 216 p. (coleção Reconquista do Brasil, v. 17). Publicado originalmente em 1557